

# A aula ateliê como experiência de ensino e aprendizagem no Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke<sup>1</sup>

The studio class as a teaching and learning experience in the Apotheke Painting Studio Study Group

La clase de estudio como experiencias de enseñanza y aprendizaje en el Grupo de Estudio de Pintura de la Apotheke

**Marta Facco<sup>2</sup> (UDESC)**

**Fábio Wosniak<sup>3</sup> (UNIFAP)**

---

<sup>1</sup>Este artigo possui extratos da tese de doutoramento de Fábio Wosniak, Experiência Formação Docente Artes Visuais, 2019. Orientadora: Jociele Lampert - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Florianópolis/SC. Este artigo possui alguns trechos já publicados na Revista Apotheke, v.4, n.3/2018, sob o título: A aula ateliê no contexto da formação inicial do professor de Artes Visuais – autoria: Marta Facco. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

<sup>2</sup>Artista Visual, Doutoranda em Artes Visuais (PPGAV/UDESC), Mestre e Artes Visuais (UDESC), Licenciatura em Artes Visuais (Claretiano), Bacharelado em Desenho e Plástica (UFSM). Membro do Grupo de Pesquisa Entre Paisagens e do Projeto de Pesquisa e Extensão Estúdio de Pintura Apotheke - CNPq/UDESC. E-mail: [martafacco@hotmail.com](mailto:martafacco@hotmail.com), Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7820911643665201>, ID Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7641-8951>.

<sup>3</sup> Professor Adjunto na Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Doutor e Mestre em Artes Visuais – UDESC. Coordenador do Programa de Extensão Apotheke em Dissidência/UNIFAP. Email: [f.wosniak@unifap.br](mailto:f.wosniak@unifap.br), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6525393533253057>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5881-7111>.

## **RESUMO**

O texto busca explicar sobre as experiências de ensino e aprendizagem do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke no campo da Arte e da Arte Educação em meio ao espaço do ateliê de pintura. Compreende-se como eixo principal desta proposta, a filosofia da Arte como experiência, pautada em John Dewey (2010) e as práticas desenvolvidas nas aulas ateliês como espaço-tempo do exercício da experiência estética.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Ensino e aprendizagem; aula ateliê; Arte e Arte Educação; experiência estética.

## **ABSTRACT**

The text seeks to explain the teaching and learning experiences of the Apotheke Painting Studio Study Group in the field of Art Education amidst the space of the painting studio. It is understood as the main of this proposal, the philosophy of Art as experience, based on John Dewey (2010) and the practices developed in studio classes as a space-time of the exercise of aesthetic experience.

## **KEYWORDS**

Teaching and learning; studio class; Art and Art Education; aesthetic experience.

## **RESUMEN**

El texto pretende explicar sobre las experiencias de enseñanza y aprendizaje del Grupo de Estudio Apotheke Painting Studio en el ámbito del Arte y la Educación Artística en el espacio del estudio de pintura. Se entiende como eje principal de esta propuesta, la filosofía del Arte como experiencia, basada en John Dewey (2010) y las prácticas desarrolladas en las clases de estudio como espacio-tiempo del ejercicio de la experiencia estética.

## **PALABRAS CLAVE**

Enseñanza y aprendizaje; clase de atelier; arte y educación artística; experiencia estética.

## Introdução

A filosofia da Arte como experiência, como proposta por John Dewey (1859-1952), é a maneira como o Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke busca compreender as Artes Visuais e sua interlocução com a Educação.

Inserida no contexto de ensino e aprendizagem do Grupo Apotheke, a filosofia da Arte como experiência, ressoa em uma maneira de pensar, principalmente quando inserida no contexto da Arte Educação, que aproxima, como menciona Freire (2011), uma noção de práxis. Na práxis, a atividade humana é ação e reflexão e faz surgir uma noção em que, teoria e prática operam simultaneamente em direção à transformação.

No percurso da sua existência, o Apotheke tem procurado centrar sua prática estético-pedagógica entre a filosofia da Arte como experiência e a pintura, sempre compreendendo a pintura em seu campo expandido.

Fazer e pensar em Arte e Arte Educação, onde o estético-artístico existe como um caminho para a prática reflexiva, é uma abertura para rupturas de paradigmas. Essas rupturas podem ser percorridas pelos participantes que, conseqüentemente, caminharão para uma sistematização da experiência criadora, permitindo (re)inventar uma nova maneira de fazer/sentir/pensar diante da produção poética.

É no aprender da experiência (DEWEY, 1979) que as coisas se encontram: teoria-prática, concepção educacional-atuação educacional, homem-natureza, arte-vida, educação-vida. Nessa perspectiva, a noção de experiência nos processos educacionais é compreendida como um laboratório. Esse ambiente, ou meio, é mais do que um lugar que situa o sujeito. É nesse estar-entre sujeito-meio que a continuidade opera, carregada de significados, transformando-nos, de meros existentes, em investigadores, com um modo de proceder e agir repleto de atitude filosófica diante da vida – aprender –, pois aprender deve ser um ato intrínseco à vida, como um convite a novas possibilidades de estar-no-mundo, aberto às contínuas transformações.

## Sobre o conceito de experiência estética

*Arte como Experiência (2010)* traz, para o centro dos debates, como a teoria da experiência estética deweyana explica o modo pelo qual as obras de arte se compõem e como elas são apreciadas na experiência, o que não demonstrou apenas suas articulações com procedimentos formais das artes, mas considerou sua estreita ligação com as atividades comuns da vida e, acima de tudo, como essas atividades possuíam e possuem potência de satisfação e autorrealização diante da cultura.

Sendo assim, a obra de arte, na concepção deweyana, “[...] é a construção de uma experiência integral a partir da interação de condições e energias orgânicas e ambientais” (DEWEY, 2010, p. 153). Essa produção, que ressoa da experiência estética, é, ao mesmo tempo, uma reflexão de como o artista é afetado pela interação com o ambiente, envolvendo sua expressão e suas condições objetivas, que levarão

a consumação dessa experiência a uma produção estética.

Para que haja a experiência estética, o organismo precisa estar envolvido em uma complexa organização. Será nessa completude, posterior aos processos de incertezas e instabilidades, que se constitui o estágio inicial de qualquer experiência. Esse percurso se inicia com uma impulsão, que é “[...] um movimento de todo o organismo para fora e para adiante, e dela alguns impulsos especiais são auxiliares” (DEWEY, 2010, p. 143).

Em adição a isso, a impulsão contribui para que o ato expressivo não seja uma sucessão de equívocos. Dar condições para que a impulsão constitua uma expressão significa, deixando que essa desordem interna nos inquiete e, ao mesmo tempo, tenhamos condições de aproximar as experiências anteriores de um certo volume esclarecido e ordenado, até que essa justaposição ou sobreposição de experiências ganhe formato expressivo e culmine em uma conclusão (DEWEY, 2010). Resumindo, a expressão, que pode originar uma experiência estética, ocorre quando estamos conscientes daquilo que fazemos.

O trabalho da expressão artística é movimentado, inicialmente, pelos materiais primitivos e brutos dessa impulsão, os quais são ressignificados após uma reelaboração progressiva – interna e externa –, ligando organicamente todos os aspectos constituintes das experiências, o que encontra um outro material: a imaginação em atividade.

Arte é integração entre o fazer-pensar-sentir, é uma integração organizada entre o ser e o ambiente. Sua apreciação também não se encontra externa ao seu próprio fim em si, tampouco sua apreciação é garantida, ancorada em outras formas de saber. Existe, na arte, uma autonomia. Essa autonomia lhe confere um valor, algo que lhe é próprio, com fins em si mesmo, e não como meio ou instrumento para propósitos de outras práticas. Essa singularidade permite à arte sua autonomia e, certamente, é a experiência estética. A experiência que envolve a imaginação faz com que a arte tenha uma maneira singular de produzir seus conhecimentos. Como explica Dewey (2010, p. 167): “[...] pensar diretamente em termos de cores, tons ou imagens é uma operação tecnicamente diferente de pensar em palavras”. O valor do aprender da experiência estética imprime em nossos sentidos um concentrado e um ampliado exercício, o que envolve o material do devaneio, dos sonhos, das ideias flutuantes. Essas ideias se tornam veículo da expressão, conferindo um sentido próprio que só ganham significado quando experienciado nas vias da própria imaginação.

Há valores e sentidos que só podem ser expressos por qualidades imediatamente visíveis e audíveis, e perguntar o que eles significam em termos de algo que possa ser posto em palavras é negar sua existência distinta. (DEWEY, 2010 p. 167)

Envolver-se na experiência estética é aprender que essa forma de conhecimento não se encontra classificada ou categorizada, como na psicologia ou na filosofia. Para chegar à experiência estética, é necessário se permitir a ir ao encontro da maneira de pensar do poeta, do artista – que pensa ao mesmo tempo em que sente (e vice-versa). Artistas e poetas são tocados pela emoção da imaginação, sua investigação

parte da qualidade das experiências diretas. Mesmo tendo o mesmo objeto de investigação das experiências, os investigadores intelectuais costumam realizar suas pesquisas buscando distanciamento e as representam com seus conjuntos de símbolos já consagrados, ao contrário dos artistas e poetas que apresentam algo ao mundo, inédito e com infinitas possibilidades de diálogos (DEWEY, 2010).

Com a noção de experiência estética, Dewey retira exclusivamente da prática artística historicamente estabelecida o exclusivismo da arte restrita a alguns, e a recoloca, em primeiro lugar, junto aos processos do viver. “[...] toda experiência é resultado da interação entre a criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive” (DEWEY, 2010, p. 122).

Para Shusterman (1998), esse aspecto da experiência estética, não limitada ao domínio da prática artística historicamente estabelecida, é justificado por Dewey porque, primeiramente, essa experiência existe na apreciação da natureza, situando principalmente o corpo como parte essencial da natureza.

[...] mas nós também a encontramos em rituais e no esporte, nas paradas, nos fogos de artifícios, na mídia da cultura popular, na ornamentação doméstica e corporal, de tatuagens primitivas e pinturas rupestres a cosméticos contemporâneos e decoração de interiores e, com certeza, nas inumeráveis cenas cheias de cor que povoam nossas cidades e embelezam nossa vida cotidiana. (SHUSTERMAN, 1998, p. 38)

Dewey não estava apenas rompendo com toda uma tradição filosófica tradicional e dualista. Ele também rompia com toda a rotina e com o automatismo empregado à forma de pensar a Arte. Isso não significa simplesmente acabar com a separação entre as belas-artes e a Cultura popular, mas expandir nossa compreensão sobre o que o domínio da Arte inclui. Para Dewey, como explica Shusterman (1998, p. 42) a experiência estética pode “[...] ser encontrada tanto no útil como nas belas-artes”.

Enclausurar a experiência estética no âmbito das belas-artes significa restringir a Arte apenas à tradição de uma História da Arte apreendida pelas belas-artes e sua vanguarda elitista. Essa concepção, do ponto de vista da filosofia da arte como experiência, é redutora e ressoa em uma concepção da sociedade moderna, a qual divide o trabalho prático da experiência estética, sendo que o trabalho prático é compreendido como algo desagradável e a experiência estética como fonte de alegria e prazer (SHUSTERMAN, 1998).

Esta divisão que separa a Arte da sua experiência estética e, principalmente, que a isola em teorias compartimentalizadas, distanciando-a da vida e dos processos normais do viver, afeta, como afirma Dewey (2010), a prática da vida, afastando os sujeitos dos ingredientes necessários da felicidade e da inteligência.

Nessa noção, compreender a Arte como experiência significa entender que a Arte não se separa da vida; ela é uma parte da vida. Toda experiência artística, portanto, é legitimada por uma experiência estética, que é amparada por elementos práticos e cognitivos.

A teoria pragmática de Dewey sobre a filosofia da estética, mesmo tendo sido

elaborada em 1934, ressoa reflexões relevantes para o cenário da Arte contemporânea, principalmente para o campo da Arte Educação. Um dos aspectos singulares da filosofia deweyana é a incessante crítica que o autor faz aos sistemas das Artes maiores. O filósofo coloca essas totalizações na província da alienação, como também coloca em dúvida as divisões irredutíveis entre os produtos das Artes maiores e a Cultura popular.

O conhecimento acentuado pelo exercício estético-artístico desempenha um papel crucial nos significados acumulados pela experiência cultural. A percepção estética tem o poder de reorganizar a consciência, de tornar a visão autônoma, questionando as interpretações autorizadas da obra de arte. É o conhecimento democrático e libertador: quando qualquer pessoa que apreende e ressignifica pela sua própria experiência o saber estético. É pensar em nutrir esforços para dar sentido às experiências, insistindo na capacidade da imaginação, percepção e sentimento como fontes promotoras de conhecimento.

Assim como a concepção estética é ressignificada, o conceito de obra de arte é compreendido no âmbito do tempo vivido, em que tempo e criação se sobrepõem um ao outro, estão em um tempo-espaco que delatam o mundo sem excluir suas fissuras e lacunas. O que os artistas depositam em suas obras é a dúvida, mais do que respostas a priori. Pensar a partir do exercício da experiência estética é excluir da potência criativa o glorioso feito de obter as respostas absolutas, as certezas, como afirma Merleau-Ponty sobre o fazer do artista:

Parece que o artista de hoje multiplica ao seu redor enigmas e fulgurações [...] o artista é, sob muitos aspectos, tão claro quanto os clássicos, o mundo que ele nos descreve não é, em todo caso, nem acabado nem unívoco. [...] se é que em algum tempo os trabalhos dos artistas tenham sido válidos a essa equivocada compreensão absoluta de verdade que alguns tentam imprimir pelas ciências positivistas. (2004, p. 69)

## **A aula ateliê como espaço-tempo do exercício da experiência estética**

Aula ateliê é uma proposta didática que vem sendo desenvolvida pela professora Dra. Jocielle Lampert na UDESC, que faz parte de seu projeto de pesquisa "O estúdio de pintura como um laboratório de ensino e aprendizagem em Artes Visuais", e acontece no âmbito do ateliê de pintura da Universidade. Esta maneira de compreender o ensino aprendizagem é também utilizada como ferramenta para as propostas desenvolvidas pelo Grupo Apotheke, onde a professora é coordenadora. O projeto divide-se em dois eixos: o estúdio de pintura e o laboratório de ensino e aprendizagem em Artes Visuais. A aula ateliê configura-se em uma aula proposta a partir de problemas, que utiliza-se metodologias operativas da produção pictórica, tanto do artista como do professor, articulando tempo-espaco ao processo criativo no exercício da experiência estética. O laboratório de ensino e aprendizagem busca compreender o conceito de Escola Laboratório defendido por John Dewey, como

proposta inovadora de aprendizado, onde considera-se o contexto, a participação do aluno na construção do currículo e principalmente, a ideia de que a educação não é para a vida, mas é a própria vida. Assim, a aula ateliê além de acontecer no ateliê de pintura, propõe um movimento de produção poética e filosófica, articulando o saber/fazer da prática artística ao ser/estar professor de Artes Visuais. O estúdio de pintura é concebido como tempo-espaço de criação, ao mesmo tempo que é um espaço de ensino e aprendizagem em Artes Visuais.

A proposta da aula ateliê acontece no contexto do estúdio, onde o ambiente propicia aos participantes um movimento de experimentação de materiais, onde o professor ministrante cria desafios. Neste âmbito o desafiado busca encontrar suporte técnico, prático, pedagógico e filosófico para desenvolvimento dos trabalhos.

A aula ateliê posiciona-se, portanto, como um espaço de deslocamento, no sentido de mudança nos modos de ver-olhar-sentir, onde a instância entre artista e professor, professor e pesquisador, professor e aluno, teoria e prática, experiência e informação, real e imaginário, corpo e representação, forma e conteúdo, conhecimento e ação correspondem à transdução (no sentido de transitar) que o sujeito faz em busca de um devir na construção de si e das práticas que exerce. Esse devir é entendido como uma busca constante pela capacidade de defasar-se, modificar-se, transgredir-se, tecendo redes e conexões para escapar da inércia.

Uma das formas relevantes para pensar o exercício da experiência estética, acontece através de um pensamento reflexivo sobre as experiências apreendidas durante o processo criativo, propostas pelas aulas ateliê. Dewey evidencia a relevância em compreender o processo como essencial no aprendizado, e a busca pela percepção e reflexão como fundamentais na construção do sujeito. Uma apreensão baseada na experimentação, na qual, a partir da percepção, da imaginação e da experiência, faz-se o ajuste da consciência (DEWEY, 2010). Essa experiência se faz de um vínculo entre teoria e prática, promovendo uma interação entre ideia e ação, propiciando uma concepção de conhecimento pelo caminho do agir agindo e de um fazer fazendo, criando experimentações que possibilitem as experiências estéticas, as quais proporcionam condições críticas e reflexivas relevantes para a Educação em Artes Visuais.

Assim, o espaço do ateliê, também, poderá ser compreendido como lugar de ensino e aprendizagem na prática do olhar, um lugar de potência como eixo gerador de um conhecimento que não perpassa somente pelo ensino técnico, mas também pelo senso estético que promove, um lugar de mobilidade de forças, “[...] não como um local de armazenamento de informações, mas um processo dinâmico que se modifica com o tempo” (SALLES, 2006, p. 19). Um lugar onde as experiências estéticas se sobrepõem e se justapõem, consecutivamente, gerando movimentos significativos para o processo criativo em Arte.



Figura 1: Aula ateliê realizada no estúdio de pintura da UDESC, Florianópolis/SC, em 2019.  
Fonte e crédito de imagem: Estúdio de Pintura Apotheke.



Figura 2: Aula ateliê realizada no estúdio de pintura da UDESC, Florianópolis/SC, em 2019.  
Fonte e crédito de imagem: Estúdio de Pintura Apotheke.



Para propor conexões entre as práticas artísticas e os saberes pedagógicos, considerados como essenciais na Educação para construção da subjetividade do artista professor pesquisador, compreende-se a aula ateliê como um lugar de significação para o sujeito em prática. Pois é nela que, através das experimentações, instaura-se possibilidades de experiências que propiciem estados de singularidades através de redes oferecidas pelo processo criativo, um pensamento criante de conexões. Conexões que colocam o sujeito na prática, onde o fazer, é o fazer das possibilidades oferecidas pela experiência da aula ateliê em consonância ao processo criativo. Redes que se interligam promovendo *rizomas* entre o pensamento da práxis e a atuação em sala de aula.

A ideia desta articulação seria a de compreender essas duas instâncias (artística e pedagógica) como uma engrenagem, onde uma é imbricada na outra, funcionando conjuntamente, uma afetando a outra criando experiências significativas. A aula ateliê, cria a possibilidade de experiências estéticas através da maneira como cada um recorta e coleciona fragmentos do mundo. É a nossa memória material dos movimentos de acumulação e significação do que nos é particular, e de entender como somos afetados pelo mundo que nos cerca.

Refletindo sobre o processo criativo, instaurado pela aula ateliê e a relação com as experiências estéticas, identificamos movimentos constantes de forças que se atualizam a todo momento, possibilitando assim, sempre uma nova escolha, uma mudança de direção. "O processo de criação, como processo de experimentação no tempo, mostra-se, assim, uma permanente e vasta apreensão de conhecimento" (SALLES, 2009, p. 160), pois garante ao sujeito em prática de si, através de suas escolhas, reinventar-se a todo o momento, buscando outras possibilidades para os problemas apresentados e apreendendo assim novas maneiras de fazer aula, fazer obra e de ver-olhar-sentir o mundo onde vive.

## **Considerações Finais**

Como espaço formador, o Grupo Apotheke propicia aos seus participantes contingência para articularem suas noções, tanto de Arte quanto de Educação, às práticas estético-reflexivas. Traça um percurso de estudo e pesquisa em que a essência da experiência estética, tal como concebida por Dewey, está no significado e estritamente localizado dentro de um processo transacional entre o fazer e o pensar, assim como o ensinar, na perspectiva da filosofia da experiência para a Educação, só podendo ocorrer em transação entre filosofia e prática. Ou seja, as propostas de uma Educação através da experiência estética, como promulgadas no Apotheke, não acontecem sem que a experiência do artista e do professor ocorram de maneira única no espaço entre o que é geralmente definido como "prática" e "filosofia".

Neste sentido, o espaço do ateliê, é compreendido como um lugar onde o conhecimento é derivado da experiência. A ênfase é dirigida para o processo de

criação, o que leva seus integrantes a pensar mais sobre onde e como a aprendizagem acontece.

O modo como os participantes do Grupo Apotheke experienciam o movimento do ensinar e apreender Artes Visuais, parte do espaço do ateliê, onde a interação com o meio acontece de forma particular através das experiências estéticas significativas de cada um, experienciadas pela relação prática e teoria, proposta pela filosofia da arte como experiência, instaurada entre o agir e o pensar. As práticas de ateliê advêm de um pensar pintura e o ato criador, suas relações com o ambiente onde estamos inseridos, nossas particularidades, ideias, vontades e desejos. É um pensar Arte e Educação a partir das nossas experiências estéticas, criando possibilidades de potências criativas singulares através da pesquisa em arte.

## Referências

DEWEY, John. **Arte Como Experiência**. Trad. Vera Ribeiro – São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Democracia e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. 4 ed. – São Paulo: Fapesp/Annablume, 2009.

\_\_\_\_\_. **Redes de Criação: construção da obra de arte**. 2 ed. – São Paulo: Horizonte, 2006.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. São Paulo: Editora 34, 1998.

**Submissão: 21/02/2022**

**Aprovação: 07/03/2022**